

ANÁLISE DE DADOS NA PESQUISA QUALITATIVA

DESAFIOS AO PENSAMENTO CRIATIVO

MARILIS LEMOS DE ALMEIDA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Recepció: noviembre 2014; aceptació: diciembre 2014

R E S U M O

ESTE ARTIGO, DE CUNHO METODOLÓGICO, PROMOVE UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS NA PESQUISA QUALITATIVA DESENVOLVIDA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. PARA TAL BUSCA-SE, INICIALMENTE, EVIDENCIAR AS CONEXÕES ENTRE PROBLEMA DE PESQUISA, INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS. NA SEQUÊNCIA SÃO APRESENTADAS DISTINTAS ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE DE DADOS, TAIS COMO ANÁLISE DE DISCURSO, ANÁLISE DE CONTEÚDO, ANÁLISE DE NARRATIVAS, ANÁLISE DE ENUNCIÇÃO, ANÁLISE DE RETÓRICA E ANÁLISE ARGUMENTATIVA. AO PERCORRER OS MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS BUSCA-SE APONTAR AS CONEXÕES ENTRE ESTES E A NATUREZA DOS PROBLEMAS DE PESQUISA COLOCADOS, BEM COMO AS POSSIBILIDADES E LIMITES DE CADA UM DELES. POR FIM, O ARGUMENTO CENTRAL DO ARTIGO, É QUE A ANÁLISE DE DADOS É UMA FASE NEGLIGENCIADA NO PROCESSO DE PESQUISA, EM QUE PESE SUA INEGÁVEL IMPORTÂNCIA E QUE O MELHOR MÉTODO DE ANÁLISE É AQUELE CONSTRUÍDO CRÍTICA E CRIATIVAMENTE PELO PESQUISADOR, COMO RESULTADO DE UM DIÁLOGO ENTRE OS DADOS E O PROBLEMA DE PESQUISA.

PALAVRAS-CHAVE

METODOLOGIA; PESQUISA QUALITATIVA; ANÁLISE DE DADOS; ANÁLISE DE DISCURSO; ANÁLISE DE CONTEÚDO; ANÁLISE DE NARRATIVAS; ANÁLISE DE ENUNCIÇÃO; ANÁLISE DE RETÓRICA; ANÁLISE ARGUMENTATIVA.

SITUANDO A QUESTÃO

Este artigo, construído a partir de uma longa experiência como professora de metodologia e de epistemologia, apresenta uma reflexão sobre o processo de investigação na pesquisa qualitativa,

mais especificamente sobre o processo de análise de dados nas ciências sociais. Embora a pesquisa em sociologia, no Brasil, tenha se desenvolvido fortemente orientada por metodologias qualitativas, é ainda recente a difusão de uma literatura crítica e reflexiva sobre o tema da análise de dados. Recupe-

* Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Email: <marilis.almeida@ufrgs.br>.

rando o princípio bachelardiano de que a objetividade é socialmente construída e fundada no olhar do outro, e deve ser conquistada pelo pesquisador na prática da pesquisa, desde o momento inicial da designação do objeto até o estabelecimento das interpretações sobre o mesmo (Bachelard 1996), uma tarefa de reflexão sobre o fazer científico se impõe acerca de métodos de pesquisa, estratégias de produção de dados e métodos de análise e interpretação dos dados.

A articulação entre a discussão metodológica e epistemológica e o aumento do rigor no desenvolvimento das pesquisas e das interpretações dos dados revela-se fundamental em nossa área, pois além de conferir vitalidade ao pensamento, a sociologia e em particular a pesquisa social de cunho qualitativo, ainda carentes de legitimidade acadêmica, poderiam beneficiar-se significativamente de uma objetividade construída. Paulatinamente vem se dando um fortalecimento da metodologia da pesquisa qualitativa nas ciências sociais, especialmente no que tange aos métodos e às técnicas utilizadas para a produção de dados por parte dos pesquisadores. Nestas áreas, é notável a sofisticação dos métodos, a busca por um maior rigor e o refinamento no uso das técnicas, bem como a ampliação das estratégias de investigação que os pesquisadores lançam mão no decorrer de seus estudos. No entanto, permanece como momento crítico da pesquisa qualitativa a fase de análise dos dados. É frequente deparar-se com trabalhos cujos problemas de pesquisa são bem construídos e os campos realizados com dedicação e rigor, trazendo à tona fenômenos ricos em conteúdo e diversidade, mas que são frágeis do ponto de vista interpretativo por carecerem de métodos de análise bem conduzidos e, especialmente, consistentes com os problemas de pesquisas que guiaram a investigação.

Tais considerações feitas até aqui visam introduzir e, se possível, demonstrar ao leitor a pertinência dos objetivos deste artigo, que são o de, inicialmente, problematizar as relações entre o problema de pesquisa e a escolha dos métodos de interpretação dos dados e, por fim, discutir estratégias de análise qualitativa de dados.

AS RELAÇÕES ENTRE OS PROBLEMAS DE PESQUISA E A ESCOLHA DOS MÉTODOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Analisar os dados é um dos momentos mais delicados e menos estudados do processo de pesquisa, talvez por resquício de um pressuposto de que os dados fariam por si, o que evidentemente não ocorre e bem sabe aqueles que ao final de um longo trabalho de campo se deparam com um volume enorme e disforme de dados sobre a mesa de trabalho. Consideramos que a análise dos dados ainda permanece como uma das áreas mais frágeis da pesquisa qualitativa. Como afirma Heloisa Martins

Outra característica importante da metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. A maior dificuldade da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa está na dificuldade de ensinar como se analisa os dados –isto é, como se atribui a eles significados– sendo mais fácil ensinar a coletá-los ou a realizar trabalho de campo. A intuição aqui mencionada não é um dom, mas uma resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador. (Martins 2004: 292)

Neste artigo propomos acurar a reflexão acerca das escolhas dos métodos de análise de dados à luz das abordagens utilizadas na delimitação do problema de pesquisa. O desafio nesta questão, nos parece ser, pensar sistematicamente sobre os dados para que seja possível extrair dos mesmos mais do que eles nos fornecem descritivamente. Para isso têm-se algumas estratégias já consagradas de análise de dados, tais como a análise de conteúdo e de discurso, e outra ainda incipientes como análise de argumentação e de retórica, que exigem um esforço de elaboração para torná-las operacionais. Mas sobretudo, este é um campo de criação do pesquisador, pois se de um lado métodos de análise fornecem caminhos, de outro o modelo de análise a ser utilizado é necessariamente definido e constituído em função do objeto de pesquisa. Portanto não se trata de escolher e aplicar um método de análise, mas de

examinar quais as melhores estratégias analíticas disponíveis para tratar os dados, considerando as limitações e possibilidades das mesmas diante das questões de pesquisa colocadas.

O que é proposto neste artigo não é a defesa da superioridade de um método de análise em específico, tampouco um manual com procedimentos detalhados e formais, mas uma tentativa de articular questões de pesquisa, métodos de análise possíveis e estratégias para superar possíveis limitações e dificuldades na análise do material. Um bom ponto de partida seria retornar ao problema de pesquisa, para retomar o sentido da problematização, o que se buscava responder e que orientou o trabalho de produção de dados durante o trabalho de campo. Iniciemos com um breve exemplo, o qual pode ajudar a elucidar a relação que se tenta estabelecer. Se este problema de pesquisa implica conhecer o que foi dito, os sentidos produzidos, as representações sociais acerca de algo, será necessário reduzir os textos brutos para encontrar ali as unidades de significado que permitirão apreender o conteúdo e a intenção do material original. De outra parte, se a ênfase recai não sobre o que foi dito, mas sobre como foi, ou seja se o problema de pesquisa envolve uma reflexão acerca das condições de produção do texto,¹ dos sentidos que ele produz e da forma como tais sentidos são gerados, será importante examinar quem fala, de que lugar esta fala provém, para quem ela se destina, quais as relações de força entre os interlocutores e as relações de sentido mobilizadas por meio da palavra, entre outros aspectos que podem ser considerados relevantes. Ora, estamos falando de duas maneiras de lidar com o mesmo material empírico, as quais produzirão respostas diferentes, uma vez que se parte de problematizações distintas.

O DISCURSO COMO DADO: ANALISANDO A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Do ponto de vista metodológico a análise de discurso pode ser uma escolha adequada quando o problema de pesquisa envolve uma reflexão acerca das condições de produção do texto, dos sentidos que ele produz e da forma como tais sentidos são gerados. Para tal, a análise do discurso não se restringe ao que está manifesto no texto, buscando identificar as relações de força entre interlocutores, via apreensão das posições relativas de ambos, das relações de sentido mobilizadas com outros discursos (intertextualidade), das relações de antecipação acerca da reação esperada do interlocutor. A análise de discurso é relativamente recente, foi proposta por Pêcheux nos anos 1960 como crítica à análise conteúdo tradicional de perfil quantitativo, articulando as determinações históricas da semântica e os elementos simbólicos presentes na enunciação. O discurso é considerado determinado pelas condições de sua produção, mas também pelo sistema linguístico, que é a forma de existir do discurso e que constitui uma realidade própria. (MINAYO, 1993; GILL, 2011; ORLANDI, 2005; PÊCHEUX, 1997).

Do ponto de vista epistemológico, a análise de discurso tem alguns pressupostos implicados, ligados às suas origens.² A primeira dela é que a linguagem não é uma expressão neutra de uma realidade objetiva, ela vai além do texto mobilizando sentidos produzidos fora do texto e trazidos pela memória coletiva. Um segundo pressuposto forte é que os enunciados possuem múltiplas leituras uma vez que os sentidos não são dados pela palavra, mas pelas interpretações, que por sua vez são

¹ Texto está sendo aqui entendido como o *locus* no qual o discurso se expressa, seja sob a forma imagética, oral ou escrita (Gill, 2011). Pode-se fazer uso combinado de distintas fontes de materiais, desde fontes secundárias, como jornais, textos impressos, fotografias e vídeos, até fontes primárias, produzidas pelo pesquisador, como entrevistas narrativas, histórias de vida, entrevistas episódicas e outros textos produzidos pelo próprio sujeito pesquisado, tais como cartas e diários. Sobre estas técnicas de entrevistas e outras ver Flick (2004 e 2011); Gaskell (2011); Jovchelovitch e Bauer (2011); Loizos (2011).

² Segundo Orlandi (2005) a análise de discurso se constituiu nos anos sessenta a partir de três áreas disciplinares, quais sejam tem em sua origem influências do materialismo histórico –que traz a dimensão histórica e ideológica na produção de sentidos–, da linguística –aportando o pressuposto da «não-transparência da linguagem», da análise da enunciação e dos recursos linguísticos de persuasão e psicanálise– e da psicanálise para pensar o sujeito do discurso «descentrado» e afetado tanto pelas dimensões simbólicas, quanto ideológicas presentes no texto. Ver também Pêcheux (1997).

construídas contextualmente e situacionalmente tanto pelo sujeito que produz o texto, quanto por aquele que apreende o texto, incluindo o analista de discurso. Um terceiro pressuposto é que os discursos buscam ocultar sua dependência de formações ideológicas, que estão presentes em todos os discursos, uma vez que o sentido é produzido em meio às relações de forças que expressam posições ideológicas em disputa (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2005, MINAYO, 1993).³

O discurso é a palavra em movimento, a prática da linguagem; trata-se de compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico constitutivo do homem e de sua linguagem. A análise de discurso trabalha com a língua no mundo, portanto com as maneiras de significar, o que envolve relacionar a linguagem à sua exterioridade. Com isso, a análise de discurso coloca questões para a linguística —em relação à historicidade que ela apaga— e para as ciências sociais —por tomar a linguagem como transparente—. Não se trabalha com a língua nela mesma, mas o discurso como um objeto sócio-histórico, pois a palavra adquire sentido no entrecruzamento entre história e sociedade, dimensionada no tempo e no espaço. A questão da análise de discurso é: como este texto significa? O texto é visto como dotado de uma materialidade própria e significativa, com uma espessura semântica. Na análise de discurso não se trata de transmissão de informação (emissor, receptor, referente, mensagem), o processo de significação se dá no discurso, que põe em relação sujeitos e sentidos, afetados pela língua e pela história. Ou seja, não temos apenas uma transmissão de sentido, mas um processo complexo de constituição desses sujeitos e de produção de sentidos. São processos de construção da realidade.

Para Orlandi (2005) a análise de discurso visa compreender como os objetos simbólicos, que pode ser a própria língua, produzem sentidos e como estes objetos são investidos de sentidos pelos sujeitos

e para os sujeitos. Assim, a análise é desencadeada a partir de uma questão, para cujo entendimento o analista mobilizará conceitos criando um dispositivo teórico de interpretação e um dispositivo analítico de interpretação, construído para cada análise, uma vez que implica a questão colocada, a natureza do material e a própria finalidade da análise.

Gilbert e Mulkay (1984) discutem o uso da análise de discurso a partir de uma abordagem distinta da anterior, pois ao invés de considerarem os discursos como expressão de posições ideológicas, adotam o relativismo metodológico. Nesta perspectiva o pressuposto central é que os discursos dos participantes envolvidos em uma disputa em torno da fixação de sentidos são flexíveis e altamente dependentes do contexto da sua produção. Mais ainda, quando o que está em disputa é o próprio fato, ou sua definição e reconhecimento como evento crucial, a questão relevante torna-se compreender as construções de fatos em disputa. Assim o cientista social não podendo recorrer aos fatos para explicar esta disputa (por não possuir conhecimento suficiente para distinguir qual relato reproduz fielmente uma realidade, daqueles relatos parciais ou distorcidos), ou não querendo (por adotar uma posição relativista), usa a análise de discurso como forma de apreender o processo de construção, disputa e negociação dos fatos. Desde esta perspectiva, ainda que muitos relatos sejam convergentes, isto é que regularidades sejam identificadas em diferentes falas, é necessário problematizá-los, pois este resultado pode decorrer do compartilhamento de um mesmo contexto e não por expressarem uma mesma e única realidade objetiva. Assim como na perspectiva anterior, não se busca por meio do discurso revelar a realidade social, mas sim compreender as controvérsias e disputas presentes na produção dos fatos; de que forma os relatos e as crenças são socialmente geradas, e como estes relatos são organizados contextualmente para sustentar as ações e as crenças dos indivíduos de forma apro-

³ Para uma crítica da análise de discurso, limitações e aspectos controversos, especialmente quanto a operacionalidade do mesmo, ver Wooffitt (2005), Minayo (1993) e Gill (2011). Wooffitt, além de apresentar considerações críticas sobre a análise de discurso, com base em exemplos de estudos empíricos como os de Collins e Pinch (2003), defende o uso da análise de conversação, demonstrando que a partir da análise interacional é possível apreender as relações de poder e os aspectos macros que produzem os sentidos mobilizados na conversa.

priada. Gilbert e Mulkay apoiam suas proposições acerca da utilização da análise de discurso, nos estudos sociais de ciência e tecnologia que partilham perspectivas construtivistas, sendo que além de seus próprios trabalhos sobre a comunidade científica, referem também aos estudos de Knorr-Cetina, Latour, Callon e Woolgar.⁴

Spink (1994), assumindo uma perspectiva interacional que ela define como microgênese, compartilha com o interacionismo simbólico o pressuposto de que a realidade só aparece mediada pela percepção dos indivíduos. Portanto caberia ao pesquisador trabalhar tanto ao nível micro, triangulando e interpretando os significados, quanto apreendendo o contexto interpretativo no qual os sentidos são gerados, para aproximar os horizontes e permitir uma melhor interpretação. Os discursos são entendidos como práticas geradoras de realidades psicológicas e sociais. Spink propõe analisar, articuladamente, três escalas ou tempos, a micro, na qual as interações sociais presidem a atribuição intersubjetiva de sentidos, e a do contexto cultural e social, que desdobra-se em dois tempos:

(...) o tempo histórico em que se inscrevem os conteúdos imaginários derivados das formações discursivas de diferentes épocas; e o tempo vivido em que se inscrevem os conteúdos derivados dos processos de socialização primária e secundária. (SPINK 1994: 151)

Na escala das interações pessoais, a autora propõe entrevistas organizadas em tornos de blocos temáticos vinculados ao problema de pesquisa proposto, com perguntas que investigam os significados. Na escala dos contextos, nível em que indivíduos e grupos compartilham experiências, por meio de várias entrevistas seria possível apreender o que há de comum, as regularidades, para então chegar nas representações sociais. Na análise dos discursos, a autora salienta a necessidade de considerar (e incluir na análise) o ato da entrevista como processo interacional, na qual o entrevistado interpreta a própria entrevista e as perguntas a

partir de seus pressupostos. Nesta perspectiva, uma vez que se assume que o discurso é intersubjetivo, a análise de dados implica apreender quem são os interlocutores, explícitos ou implícitos para quem o texto produzido se dirige e realizar uma análise linguística do texto, identificando associações de ideias, ambiguidades, contradições, inconsistências e incoerências. A análise de discurso proposta por Spink (1994) implica tanto a dimensão linguística do discurso, por meio de uma análise de enunciação, quanto o exame das formações discursivas aos quais se vinculam, além da análise da argumentação.

AS NARRATIVAS COMO DADOS: INTERPRETANDO CONSTRUÇÕES PRODUZIDAS NO PROCESSO INTERACIONAL

De outro modo, se o problema de pesquisa delineado pretende adotar uma perspectiva micro, com ênfase na interpretação da vida das pessoas, dos modos como os sentidos que amparam suas práticas e crenças são produzidas, compatível com um esquema interpretativo interacionista, a análise de narrativas permite reconstruir, a partir da perspectiva e estruturas de referência do interlocutor, acontecimentos sociais e os sentidos envolvidos.

A análise reconstrutiva, proposta de Fritz Schütze (2014), busca reconstruir trajetórias coletivas, por meio da identificação de trajetórias individuais compartilhadas. Para o autor é preciso considerar que as narrativas são sensíveis aos processos interacionais nos quais estão engajadas, produzindo reorganizações e adequações interpretativas de experiências próprias de acontecimentos sociais aos esquemas atuais de interpretação e avaliação.

Toda narrativa é, por princípio, interação e está sujeita à dupla contingência do processo interacional de não só poder partir dos próprios impulsos para a atividade, mas de levar também em consideração os impulsos do(s) parceiro(s) da interação na construção da narrativa. (Schütze 2014: e14)

⁴ O método da análise de discurso pode ser combinado com análise de argumentação (LIAKOPOULOS, 2011) e análise de conversação ou enunciação (GILL, 2011; WOFFITT, 2005; MINAYO, 1993).

Rosenthal, de forma similar, destaca que a narrativa feita no presente seleciona acontecimentos do passado, bem como articula e estabelece uma sequência específica dos mesmos a partir de um «presente [que] surge do passado e de um futuro que se visa e anuncia». (2014: 247)

A análise das narrativas envolve a reconstrução dos acontecimentos passados por meio da apreensão da sequência cronológica dos eventos biográficos, ainda que este seja sempre um olhar retrospectivo orientado pelo presente que se deseja produzir e pelo futuro que se pretende alcançar. Tais «elementos indexados» (eventos, ações, contextos, etc.) são separados dos «não-indexados» (juízos, valores, argumentações, etc.). Estes últimos, são analisados como uma «autoapresentação biográfica», ou seja, uma expressão dos significados e enquadramentos presentes atribuídos pelo narrado ao seu próprio passado. Por fim, procede-se, tanto a reconstrução das trajetórias a partir dos primeiros, quanto a recomposição das teorias operativas, a partir dos elementos não-indexados.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2011) a entrevista narrativa tem a vantagem de preservar as perspectivas particulares dos entrevistados, permitindo ao interlocutor colocar sua experiência em uma sequência articulada pelos sentidos atribuídos e por uma avaliação, que envolve uma reflexão sobre a própria trajetória, organizada em seus próprios termos. Diferentemente de um roteiro de entrevista com perguntas formuladas pelo pesquisador, no qual a posição do entrevistado é de espera pelo estímulo da próxima pergunta que indicará o caminho do seu relato e que oferece uma estrutura para a sua fala, a narrativa exige uma postura mais ativa por parte do interlocutor, que deverá selecionar os eventos relevantes, reconstruir ações, lugares e tempos e ligá-los numa trajetória coerente por meio de sentidos e motivações. Neste caso, a codificação é inteiramente construída a partir da narrativa, aproximando-se da análise temática de conteúdo descrita por Bardin (1977), porém produzida indutivamente. A estratégia utilizada é a da redução de sentido, ou seja, a partir da transcrição integral da narrativa busca-se identificar unidades de sentido no texto, que é reorga-

nizado em sentenças sintéticas, progressivamente até conseguir obter palavras-chave, que permitem a categorização e codificação do texto. Por fim, as codificações das entrevistas podem ser organizadas em um sistema geral de categorização para o conjunto das narrativas.

Outra possibilidade para analisar narrativas, apresentada por Jovchelovitch e Bauer (2011), é denominada de análise estruturalista. Este enfoque privilegia a identificação de elementos presentes em todas as narrativas, tais como ações, personagens (protagonistas e testemunhas), situações, cronologias (início, crises, estabilizações, desfechos) e a ordenação destes elementos nas narrativas, organizada em torno de um enredo que lhe dá coerência e significado. Diferentes narrativas podem ser comparadas a partir da cronologia e do enredo, permitindo identificar similaridades entre as mesmas e cursos singulares. Interessa salientar que em ambas as propostas, à análise de narrativa se soma a análise temática de conteúdo, a análise dos elementos estruturantes da narrativa e a análise das trajetórias e teorias objetivas subjacentes.

ANÁLISE DE CONTEÚDO: ESTRATÉGIA DE IDENTIFICAÇÃO DE NÚCLEOS DE SENTIDO NO TEXTO

A análise de conteúdo é um exercício de redução de dados, por meio do qual o texto bruto é agregado em unidades, expandido, sistematizado, enumerado de forma a fornecer uma representação do conteúdo que permite apreender os elementos que dialogam com a questão proposta. O desafio é reduzir uma grande quantidade de material em unidades significativas de análise, sem perder o conteúdo e a intenção do material escrito original. Esta perspectiva tem como ponto de partida a ideia de que o mundo é representado socialmente por meio de símbolos e que as representações sociais são expressas por meio de textos, os quais possuem uma fonte (condições de produção) e fazem apelo a um público (condições de recepção).

A análise de conteúdo permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes e opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. (Bauer 2002: 192)

Este método de análise destaca-se por sua versatilidade e capacidade de transformar-se ao longo do tempo, integrando um conjunto variado de técnicas e oferecendo muitas possibilidades de aplicação. Esta flexibilidade e baixo grau de formalização pode ser entendida como resultado do próprio método que, segundo Bardin (1977), apresenta apenas algumas regras de base, devendo ser reinventada e adequada ao domínio e objetivos de cada investigação.

Desde mensagens linguística em forma de ícones até comunicações em três dimensões, quanto mais o código se torna complexo, ou instável, ou mal explicado, maior terá de ser o esforço do analista no sentido de uma interpretação com vista à elaboração de técnicas novas. E quanto mais o objeto de análise e natureza de suas interpretações forem invulgares e mesmo insólitas, maiores dificuldades existirão em colher elementos nas análises já realizadas para nelas se inspirar. (BARDIN, 1977: 32)

Bardin alinha-se à abordagens explicativas e crítico-explicativas, citando como referentes epistemológicos do método autores como Durkheim, Bourdieu e Bachelard, ao sustentar que a análise de conteúdo permite ao pesquisador superar a ilusão da transparência e da compreensão espontânea. Assim, a análise sistemática do material visaria ultrapassar as incertezas da apreensão primeira do material, enriquecer a leitura do mesmo buscando evidências que permitam o diálogo com as hipóteses, bem como a integração das descobertas empíricas com a teoria. Bardin foi crítica da análise de discurso emergente nos anos sessenta, chegando a apontar uma 'Invasão do campo científico [da sociologia] por áreas afins como a semiótica e a linguística». Em resposta às críticas relacionadas ao caráter quantitativista e positivista da análise de conteúdo, que ela própria demonstra ter dominado o método desde sua origem até os anos sessenta, a autora integra entre o rol de técnicas de análise de conteúdo a análise de enunciação, a análise retórica e a análise de discurso.⁵ Para Bardin a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise da comunicação visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens. (BARDIN 1977: 42)

Acrescente-se que as reformulações do método levaram ao desenvolvimento de técnicas mais qualitativas, como a análise temática que busca não mensurar a frequência das ocorrências, mas apreender significados latentes, que ultrapassam o conteúdo manifesto no texto. A análise temática reorganiza o texto transversalmente a partir das unidades de significado, definidas a partir do problema de pesquisa, hipóteses e teorias mobilizadas na mesma, permitindo codificar o texto exaustivamente. Ou seja, a cada nova pesquisa um novo sistema categorial deve ser desenvolvido. Desta forma a análise temática de conteúdo, como método de geração de inferências, voltada para a descoberta de núcleos de sentido revela-se um método de análise adequado para problemas de pesquisa no qual há um interesse sobre «o que é dito», ou seja, sobre o conteúdo da manifestação.

O método, contudo, apresenta algumas fragilidades, uma delas é o risco de tomar o texto e o conteúdo manifesto como capazes de esgotar a totalidade dos sentidos presentes no texto, como se a língua fosse apenas um meio de expressar uma mensagem. Outra dificuldade envolve a estratégia de categorização, por meio da qual se opera uma redução dos dados brutos, neste caso o risco está na perda da integralidade da fala do sujeito, da singularidade que atravessa e diferencia a sua fala. Ao reorganizar o texto a partir das categorias de análise construídas pelo pesquisador e ao analisar o conjunto dos dados, sejam documentos ou entrevistas, por meio destas categorias pode-se perder a sequência do enunciado e a estrutura do argumento. Este procedimento carrega o risco de fragmentar o texto e dificultar o tratamento das ambiguidades e inconsistências internas aos mesmo.

⁵ Não obstante esta tentativa de trazer a análise de discurso para o campo da análise de conteúdo, os analistas de discurso afirmaram-se como método de análise distinto, reafirmando as críticas ao método de Bardin. Sobre este embate ver Gill (2011) e Minayo (1993).

Manter uma atitude crítica em relação aos métodos de análise de dados permite apreender as possibilidades e as limitações de cada um dos métodos para dar conta dos dados que se pretende analisar. A cada nova pesquisa iniciada esta reflexão se coloca como um imperativo ao pesquisador, que do confronto entre problema de pesquisa, dados e possibilidades de análise pode fazer emergir novas possibilidades analíticas. Dada a diversidade de dados produzidos em uma pesquisa qualitativa é difícil supor que uma única técnica de análise possa ser suficiente, sendo mais plausível pensar que um dispositivo analítico específico e subordinado ao problema de pesquisa proposto deve ser criado a partir da combinação de diferentes técnicas e métodos. Assim, é preciso pensar diante dos dados e buscar estratégias analíticas que possam contribuir para ampliar a nossa compreensão e capacidade de interpretação dos fenômenos investigados, fortalecendo os métodos de análise nos aspectos que se mostram mais frágeis. Com este intuito retomaremos, de forma complementar e um tanto provocativa, três técnicas de análise de dados pouco difundidas na investigação sociológica e ainda muito incipientes, carecendo de um maior aprofundamento especialmente no que tange às conexões com os pressupostos metodológicos que as sustentam. São elas a análise de enunciação, a análise de retórica e a análise argumentativa.

A análise de enunciação, segundo Minayo (1993) tem como pressuposto o reconhecimento da comunicação como um processo e do discurso como «palavra em ato», ou seja, no ato da produção da palavra elabora-se um sentido e se transforma. Para compreender este processo é necessário considerar as condições de produção da palavra, que envolvem a tríade locutor-objeto-interlocutor, quem enuncia, o que é enunciado e para quem se destina esta fala. Neste triângulo, no qual a palavra é produzida, o locutor que fala acerca do objeto carrega ambivalências e incoerências, portanto o sentido produzido não é unívoco, sendo construído perante o outro, em uma relação que implica uma fala organizada em consonância com uma lógica socializada, o que permite que o enunciado seja apreendido pelo interlocutor, tornando essa fala um discurso.

Ao analista cabe observar o domínio da palavra e as lacunas, recaindo a ênfase sobre os enunciados, as proposições contidas e o sequenciamento do texto. A análise de enunciação ainda contempla a dimensão sintática e as estruturas gramaticais do texto, o arranjo ou fluxo do discurso, os elementos atípicos tais como silêncios, repetições, lapsos e omissões e as figuras de retórica, como metáforas, hipérbolos e metonímias. A análise de enunciação bebe de fontes teóricas e metodológicas diversas, que incluem Lacan e a concepção do discurso como manifestação formal que oculta e estrutura a emergência de conflitos latentes, assim como um certo interesse pelos jogos de palavras, lapsos, omissões. Da lógica vem uma ideia de que a disposição do discurso, sua organização carrega um sentido, além da dimensão linguística, que está presente por meio da atenção à expressão e no entendimento de que sua determinação é dada pelo grupo social.

A análise de enunciação pode ser usada de forma complementar à análise temática, pois enquanto esta última é transversal, a análise de enunciação busca compreender o processo em ato, levando a considerar cada entrevista em si mesma como uma totalidade. A dinâmica do discurso é um elemento central, assim busca-se apreender a lógica intrínseca a cada entrevista, o que pode ser alcançado por meio de uma análise lógica ou uma análise sequencial. A análise lógica busca aproximar do raciocínio do locutor, por meio da observação das relações entre as proposições, ou seja, entre sentenças que afirmam (ou negam) alguma coisa em relação a algo ou alguém, estabelecendo uma relação entre ambos. Já a análise sequencial busca captar a estrutura do enunciado, enfocando a progressão do discurso. Ambas, juntamente com a análise estilística e dos elementos atípicos, permitem compreender as conexões com os temas, as tensões, as perdas de domínio, as contradições e os conflitos que animam o discurso. (Bardin, 1977)

A análise de argumentação, segundo Liakopoulos, tem por objetivo «documentar a maneira como afirmações são estruturadas dentro de um texto discursivo, e avaliar sua solidez» (2011: 219). O argumento são as afirmações, segundo o autor, escritas ou verbais, porém poderíamos acrescentar as ima-

géticas e as performáticas, que visam a afirmar ou refutar uma afirmação e a persuadir um público. O *locus* privilegiado de análise é o debate, no qual um argumento é construído por uma ou mais pessoas que estabelecem uma interação. A proposta de análise recai sobre os aspectos estruturais do argumento,⁶ ao assumir que há elementos invariantes presentes no mesmo, enquanto o contexto importa para explicar a maior ou menor legitimidade que um tipo de argumento pode obter em campos distintos. Tipicamente a estrutura de argumento seria composta por proposição, dados, garantias do argumento (substantivas, motivacionais ou de autoridade) e apoios, sendo que os dados precederiam a proposição. A estrutura do argumento seria formada por uma proposição ou conclusão precedida por dados e fatos que a apoiam. Muitas vezes o dado possui um qualificador (uma garantia), que seria uma premissa adotada e usada para defender que os dados são legitimamente empregados para apoiar uma proposição. Uma significativa dificuldade reside na possibilidade de discernir dados, os quais seriam explícitos e em geral particulares, usados para legitimar a conclusão com referência a fatos, de um lado, de apoios e garantias, usados para legitimar o processo que conduz dos dados às proposições, de outro.

A fragilidade do modelo reside tanto na simplicidade excessiva do modelo, pouco adequado para situações complexas, quanto no pressuposto de que há uma estrutura argumentativa invariante ao contexto, hipótese não corroborada por outros estudos. Uma vertente interacionista da análise argumentativa examina o uso informal da argumentação na fala do dia a dia, neste caso a ênfase recai sobre os mecanismos de persuasão e de convencimento.

A análise de retórica em muitos aspectos se aproxima da análise de argumentação, pois busca estabelecer os elementos de persuasão mobilizados no texto, porém assumindo a hipótese contrária de que cada fala retórica varia contextualmente. O estudo da retórica se debruça sobre textos buscando analisar como e por que eles são atrativos e persuasivos, por que eles se desenvolveram em momentos especí-

ficos, quais as estruturas de argumentação, metáforas e os princípios estruturantes dos mesmos. A fala retórica é considerada como produtora de realidade, ao valorizar determinados temas e desqualificar outros, possuindo portanto uma dimensão ideológica. Leach (2011) aponta alguns critérios para a análise de retórica, como a definição da «situação retórica» ou contexto, que envolve a identificação do público para quem ela foi construída.

As categorias propostas para a análise são oriundas do campo da produção da retórica, carecendo de maior sofisticação analítica, e estão ligadas à qualidade da fala, classificadas em emocional (*pathos*), moral ou ético (*ethos*) e racional ou lógico (*logos*). Assim o *pathos* refere-se a uma forma de argumentação persuasiva que apela às emoções, o *ethos* seria uma forma de argumentação persuasiva que se fundamenta no estabelecimento da credibilidade do autor ou locutor, enquanto que o *logos* remete ao exame de como os argumentos lógicos funcionam no convencimento de sua validade ou para construir determinadas cosmovisões. Estas qualidades podem ser mobilizadas conjuntamente em um mesmo texto e a ênfase em uma delas pode ser associado ao público a quem o discurso é dirigido.

Segundo Leach (2011: 307), a análise retórica é um ato discursivo que produz argumentações sobre argumentações. As fontes clássicas de análise são falas de políticos, editoriais de jornais, discursos do judiciário, executivo, legislativo; documentos oficiais governamentais e a retórica de campos específicos, como científico. Algumas fragilidades da análise de retórica têm origem nos pressupostos assumidos de que a intencionalidade da fala pode ser apreendida a partir dos textos, de que os contextos de recepção são transparentes e de que os processos de construção retórica são passíveis de serem recuperados. Outro problema é o excesso de formalismo proposto para a análise, o que a torna inexequível e desinteressante, pois ao invés de operar como uma espécie de arte interpretativa, torna-se uma técnica erigida sobre um conjunto de regras e cânones muito estritos. (Leach 2011)

⁶ O autor apoia-se amplamente em para expor o modelo de estrutura de argumento. Ver Liakopoulos (2011).

Análise de enunciação, análise de retórica e análise de argumentação são técnicas que oferecem maior grau de formalização nos procedimentos de exame do texto, o que por vezes, se torna pouco realista e sua principal fonte de fragilidade. Ainda assim, podem ser utilizadas em combinação com os métodos de análise de discurso, de narrativas e de conteúdo, ou servir como referência para aprofundar as reflexões acerca do papel da retórica nos mesmos.

Este texto buscou promover, ainda que brevemente, uma articulação entre momentos do processo de pesquisa que, se do ponto de vista formal aparecem separados, são integrados umbilicalmente. A definição do problema de pesquisa, para que ultrapasse o nível inicial de uma pergunta de partida de cunho empírico, carece de uma abordagem teórica e epistemológica capaz de apontar como o objeto empírico será abordado, ou dito de outra forma, como se converte um problema social em um problema científico. Mas para que a pesquisa seja capaz de gerar os elementos necessários para dialogar com o problema de pesquisa e prover respostas ao mesmo, as escolhas metodológicas, incluindo técnicas de produção de dados precisam estar em sintonia. Contudo, entre a rigidez do cumprimento de passos e a abordagem impressionista dos dados do campo, o domínio dos fundamentos epistemológicos das técnicas permite ao pesquisador dominar os métodos de análise de dados e construir um caminho analítico para orientar a leitura dos dados.

Em suma, o argumento central deste texto é que é possível articular com rigor e criatividade diferentes técnicas, pois não há caminho único para orientar a análise dos dados produzidos na pesquisa, contudo, isso requer o uso controlado e consciente das diferentes possibilidades abertas pelos métodos qualitativos de análise de dados. O trabalho de análise requer uma reflexão diante dos dados organizados a partir da problematização proposta, para construir um modelo de análise capaz de permitir extrair o máximo de inferência, controlando os vieses e limitações de um método, por meio da sua articulação com outros. Acima de tudo é necessário

saber por que se analisa, ou, qual a pergunta que lançamos sobre o mundo, para que possamos decidir como analisar, que métodos e técnicas escolher.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. (1996) *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUER, M. (2011) «Análise de conteúdo: uma revisão». BAUER, Martin. W.; GASKELL, G. (org.), *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- BARDIN, L. (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- BOURDIEU, P. (1989) *O poder simbólico*. Difel/Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- COLLINS, H. M.; PINCH, T. J. (2003) *O Golem: O que você deveria saber sobre ciência*. São Paulo: Editora UNESP.
- FLICK, U. (2011) «Entrevista episódica». In: BAUER, M.; GASKELL, G.. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, pp. 114-136.
- FLICK, U. (2004) *Uma introdução à pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- FOUREZ, G. (1995) *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: Unesp.
- GASKELL, G. (2011) «Entrevistas Individuais e Grupais». In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, pp. 64-89.
- GILBERT, G. N.; MULKAY, M. (1984) *Opening Pandora's Box - A Sociological analysis of scientists' discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GILL, R. (2011) «Análise de discurso». In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.), *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. (2011) «Entrevista narrativa». In: BAUER, M.; GASKELL, G.. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, pp. 90-113.

- LATOUR, B. (2011) *Ciência em Ação*. São Paulo: Unesp, 2011.
- LEACH, J. (2011) «Análise Retórica». In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes.
- LIAKOPOULOS, M. (2011) «Entrevista Análise argumentativa». In: BAUER, M.; GASKELL, G., *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes.
- LOIZOS, P. (2011) «Vídeo, filme e fotografia como documentos de pesquisa». In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, pp. 137-155.
- MARTINS, H. (2004) «Metodologia qualitativa de pesquisa», *Educação e Pesquisa*, 30-2, p.: 289-300.
- MINAYO, C. (1993) *O desafio do conhecimento*. 2ª ed., São Paulo: Hucitec.
- ORLANDI, E. P. (2005) *Análise de Discurso*. 6ª ed. Campinas: Ed. Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1997) *O discurso – Estrutura e acontecimento*. Tradução: ORLANDI, E. P. Campinas: Ed. Pontes.
- ROSENTHAL, G. (2014) «História de vida vivenciada e história de vida narrada», *Civitas*, 14-2: 227-249.
- SCHÜTZE, F. (2014) «Análise sociológica e linguística de narrativas», *Civitas*, 14-2: 227-249.
- SPINK, M. J. (1994) «O discurso como produção de sentido» In: SCHULZE, C. (org.). *Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representações sociais*. Coletâneas da ANPEPP. Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 10, p. 37-46.
- WOOFFITT, R. (2005) *Analysis and Discourse Analysis - A Comparative and Critical Introduction*. London: Sage.

